

**ERA UMA VEZ...OUTRA VEZ  
CREPÚSCULO: A REINVENÇÃO DE UM CONTO DE FADA**

**Carolina Chamizo Henrique Babo<sup>1</sup>**

**Resumo:**

O presente texto pretende tecer comparações entre os contos de fada e a saga *Crepúsculo*, série de quatro livros (*Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* e *Amanhecer*) escrita pela autora Stephenie Meyer que, posteriormente, foi transportada para as telas do cinema por meio de cinco filmes (*Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse*, *Amanhecer: Parte 1* e *Amanhecer: Parte 2*). Inspirado pelas ideias de Joseph Campbell e de Vladimir Propp, este artigo tenta estabelecer as fases constituintes desta série bem como desvendar as faces que compõem alguns de seus personagens centrais. A partir desse estudo, sugere-se que os contos maravilhosos podem ter servido de inspiração para a autora, tanto na composição de seus personagens, quanto na disposição das etapas desta história de toque moderno e origem ancestral.

**Palavras-chave:** Contos de fada. Crepúsculo. Narrativas. Produtos midiáticos. Mídia.

**Chamado**

Acredito que não haja outra maneira de começar este texto sem que precisemos recorrer a três palavras mágicas. Três palavras que, pronunciadas em conjunto, são capazes de nos retirar de nosso “mundo real” e nos transportar diretamente para um reino de magia e fantasia. Um lugar muito, muito distante. Conhecido por diversos nomes. País das Maravilhas. Terra do Nunca. Cidade das Esmeraldas. O Reino dos Contos de Fada.

Um local habitado por príncipes, princesas, reis, rainhas, fadas encantadas, bruxas malvadas, feitiços, poções mágicas, florestas, castelos e dragões. Estes e tantos outros elementos e personagens povoam nosso imaginário desde que somos crianças. Quantas vezes já ouvimos ou contamos essas histórias? Quantas vezes não torcemos para o sapatinho caber no pé de Cinderela, para a Fera se transformar em um belo príncipe ou para a Branca de Neve não morder a maçã envenenada? Mas ela sempre morde, não é mesmo?

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação (Linha de Pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”) pela Faculdade Cáspér Líbero. E-mail: chamizocarol@hotmail.com.

Esses contos, que conhecemos tão bem, são, de acordo com os estudos de Carl Gustav Jung, um dos mais admiráveis meios de comunicação que possuímos com o nosso inconsciente. Ao lado dos sonhos, eles representam a forma mais pura de diálogo com esse lado desconhecido de nossa psique.

E pensar que essas belas narrativas contadas pelos seres humanos desde os tempos mais remotos são originadas em nosso interior, em contato direto com a nossa essência. Elas nascem e vivem dentro de nós. Elas podem nos alertar de perigos quando estes nos são impostos, mostrando que de maneira devemos agir. Elas podem nos propor os mais importantes ensinamentos, mas sempre de uma maneira espontânea, natural. Ou, podem apenas ficar quietas, esperando que sejam chamadas, como a princesa que dorme e aguarda o seu despertar.

Despertar esse que acontece quando entramos em contato com nossas histórias, com nossas imagens primordiais, arquetípicas<sup>2</sup> (JUNG, 2012). Mesmo que elas não nos sejam oferecidas em sua forma original, mesmo que elas tenham sido modificadas, alteradas. Mesmo assim. Quando reconhecemos algumas dessas estruturas é como se algo falasse dentro de nós, como se algo mais forte que a própria consciência emergisse.

Assim, quando vi uma princesa se transformar em uma garota comum e desastrada, um reino muito distante ser trocado por uma cidade chuvosa, um lobo ser substituído por um ser “transmorfo” e um príncipe virar um vampiro, não tive dúvidas. Algo dentro de mim despertou. Eu ouvi um chamado. Porque eu estava diante de um conto de fada. Ou de algo semelhante a isso. E precisava investigar.

Mas entrar no mundo das narrativas fantásticas é sempre muito perigoso. Há quem diga que as pessoas que cruzam essa passagem não retornam mais. Ou, quando retornam, estão mudadas, transformadas. Como se tivessem sido enfeitiçadas por uma bruxa, ou encantadas pelas bênçãos de uma fada. Cruzar o “Belo Reino” (TOLKIEN, 2010) é uma tarefa para heróis e heroínas.

---

<sup>2</sup> De acordo com Carl Gustav Jung, arquétipos são “tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2012, p.13), ou ainda “disposições vivas inconscientes, nem por isso menos ativas, de formas ou ideias em sentido platônico que instintivamente pré-formam e influenciam seu pensar, sentir e agir” (JUNG, 2012, p.86).

Eu precisava me arriscar. Claro que, em minha jornada, tive que recorrer a alguns mentores que me orientassem. Eu não a fazia sozinha. De jeito nenhum. Escolhi, então, Joseph Campbell e Vladimir Propp. E devo dizer que sou muito grata a eles e aos seus ensinamentos. Mas acho que já falei demais. Voltemos àquelas palavras mágicas do início do texto. Mas apenas se quiser, é claro. Você já foi alertado dos perigos dessa caminhada. A decisão de me seguir ou parar por aqui é sua.

## **Era Uma Vez**

“Era uma vez uma linda menina chamada Bella, que vivia com sua mãe em uma cidade ensolarada. Um dia, porém, ela é obrigada a morar com o pai, em um lugar chuvoso e muito frio. Um pouco deslocada com a mudança em sua vida, a garota imagina que nunca irá se adaptar ao novo local até que vê um vampiro e se sente muito atraída por ele. Depois de conhecê-lo melhor, ela descobre que, na verdade, ele era um jovem muito bom e... ”. Para. Pode parar por aí. Estamos falando de *Crepúsculo*, certo?

Um dos maiores fenômenos dos últimos tempos. O best-seller de Stephenie Meyer. Uma série composta por quatro livros (*Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* e *Amanhecer*) que, posteriormente, deu origem a cinco filmes (*Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse*, *Amanhecer: Parte 1* e *Amanhecer: Parte 2*).

Desculpe-me a autora e os fãs, mas tudo que eu ouvi nas entrelinhas dessa narrativa foi “era uma vez uma garota chamada Bella que se apaixona por uma Fera”. Ora, estamos falando de *A Bela e a Fera*, então. Esse enredo, que oferece a história de uma menina apaixonada por um vampiro, uma Fera, o qual, apesar de sua aparência monstruosa, esconde um belo príncipe, só me faz lembrar do conto de Jeanne Marie Le Prince de Beaumont.

Mas essa história não acaba por aí. A garota também não consegue se encaixar no mundo porque é diferente dos demais. Em sua jornada, ela conhece um “lobo” e cai em tentação. Além disso, a jovem é ajudada por uma vampira que tem o dom de ter visões. Ao lado da “Fera”, ela tem uma filha. Bella morre, renasce transformada e vive feliz para sempre. Descrita assim, parece que também já ouvimos essa(s) narrativa(s) antes. Não ouvimos? Ouvimos sim. Mas, certamente não as havíamos reconhecido. Não até agora.

Disfarçada de uma saga povoada por seres sobrenaturais como vampiros e lobisomens, aqui parece se esconder um conto de fada que, possivelmente, pode ter sido inspirado por alguns dos mais famosos contos que conhecemos. Nas entrelinhas de *Crepúsculo* se encontram traços de *A Bela e a Fera*, *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *A Pequena Sereia* e, até mesmo, *O Patinho Feio*. As personagens nos revelam essas facetas primitivas, ancestrais, enquanto simulam uma nova história. Uma história que disfarça o que realmente parece ser. Vejamos mais detalhadamente algumas delas, mais precisamente, a princesa, o príncipe, a fada-madrinha e o lobo-mau.

## **A Princesa: Isabella Swan**

Começaremos nosso estudo com Bella. Busquemos nela as facetas que reflitam algumas personagens de contos clássicos. Ela é a princesa encantada da história e fornece informações que nos fazem lembrar de suas antecessoras. Bella representa a típica heroína de um conto de fada e sua jornada será a mesma que as das outras tantas que a precederam.

O arco dramático fundamental dessa série nos remete, como já foi abordado anteriormente, ao conto *A Bela e a Fera*. Da narrativa de Jeanne Marie Le Prince de Beaumont, Bella não herda apenas o nome, como também a Fera, o vampiro Edward.

Seu sobrenome parece ser a segunda dica dos contos que a autora Stephenie Meyer, possivelmente, se inspirou. Swan (cisne em inglês) nos faz lembrar de *O Patinho Feio*, de Hans Christian Andersen, a história de um patinho rejeitado por todos por sua aparência, mas que, na realidade, é um belo cisne. Como a garota, que não nasceu para ser humana, mas uma extraordinária vampira.

Também de Andersen, o conto *A Pequena Sereia* ainda fornece algumas reflexões para essa história. Assim como a jovem que vivia no mar e abdica de sua natureza para se tornar humana e viver com seu príncipe, Bella é a humana que deseja se transformar em vampira.

Entretanto, essa transformação, como toda jornada que os heróis passam, não é fácil e exige uma morte-renascimento ou um “sono profundo”. Situação vivida por duas princesas bastante conhecidas e retratadas nas histórias dos Irmãos Grimm, *A Bela Adormecida* e

*Branca de Neve*. Ambas despertam (em adaptações posteriores aos contos originais) com o “beijo do verdadeiro amor”, aqui representado pelo “veneno do vampiro”, de Edward. Talvez essa seja uma metáfora para a “maçã envenenada” (veneno) ou para o “fuso da roca” (vampiro). Ou, talvez, seja uma coincidência. Mas isso apenas para quem acredita nelas.

## **O Príncipe: Edward Cullen**

Ora, se a princesa é Bella, Edward só pode ser seu príncipe encantado. Como um vampiro, um monstro, ele representa o papel de Fera, em *A Bela e a Fera*. Ao resgatar a menina, por meio de seu veneno de vampiro, do “sono profundo”, ele aparenta ser dois príncipes de uma só vez, os “charmings” de *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*.

Quando acompanha Bella mudar de forma e se tornar alguém de sua própria espécie, ele é o príncipe de *A Pequena Sereia*. E quando enxerga, além da aparência normal da jovem, uma verdadeira princesa, ele assume o papel do amado de *Cinderela*.

## **A Fada: Alice Cullen**

E por falar no conto de Charles Perrault, *Cinderela*, *Crepúsculo* também possui uma fada-madrinha. A vampira Alice Cullen é descrita como uma representante desses seres encantados já em sua primeira aparição: “a menina baixa parecia uma fada, extremamente magra, com feições miúdas. O cabelo era de um preto intenso, curto, picotado e desfiado para todas as direções” (MEYER, 2008, p. 24).

Suas atitudes também demonstram a magia existente nessa personagem, já que a mesma é dotada de poderes especiais: ela prevê o futuro. Em todos os livros/filmes, essa fada ajuda os demais personagens contra o perigo iminente.

O mais interessante, no entanto, reside no fato de Alice já saber que Bella se transformará em uma vampira. Por meio de suas visões, é ela a primeira a ver a mudança. Como as fadas de *A Bela Adormecida*, Alice auxilia a jovem, mas sabe que a “maldição” irá acontecer. Não importa o que ela ou os outros façam. No momento certo, Bella cairá no sono profundo e renascerá transformada.

## **O Lobo Mau: Jacob Black**

Acredito que este seja, talvez, o personagem mais fácil e também o mais complexo de ser entendido nessa trama. Jacob é o melhor amigo de Bella. Seu confidente. Visto pela jovem, até mesmo, como um possível irmão mais novo. Mas também seu amante. Seu “sol particular”. O rapaz que a faz cair em tentação. Jacob é o lobo-mau.

Aqui, o conhecido personagem de Charles Perrault assume as feições de um jovem apaixonado pela princesa, que consegue, durante certo período da história, ter esse sentimento correspondido. Bella divide-se entre seu príncipe encantado e o lobo-mau, entre o amor e a paixão. Mas isso em nada denigre sua imagem. Pelo contrário, humaniza-a. Bella assume a forma de *Chapeuzinho Vermelho* e, como a garota, entrega o endereço da vovozinha facilmente ao lobo, porque se sente atraída por ele.

No entanto, como um ser “transmorfo”, um humano que tem a capacidade de mudar de forma, Jacob também pode ser considerado um monstro, uma fera, não? Seria ele então o príncipe de seu romance com Reneesme, a filha mestiça de Bella e Edward? A futura princesa de um possível novo-velho conto recontado? De acordo com as visões da fada Alice sim. E, se você ainda está lendo esse texto é porque, como eu, também acredita em fadas.

## **Estrutura**

Ora, se as personagens nos revelaram diversos aspectos dos contos, ainda faltaria a estrutura para ser desvendada. Por isso, recorri aos meus mentores. Pesquisei, primeiramente, as teorias de Joseph Campbell e sua conhecida “Jornada do Herói” (CAMPBELL, 2010). Para minha surpresa, ela estava na saga *Crepúsculo*.

A linha central dessa história adequa-se ao tema do Monomito, proposto pelo mitólogo e composto, essencialmente, por três estágios: a Separação (onde o herói será apresentado), a Iniciação (lugar em que sua aventura irá acontecer) e o Retorno (simbolizado pela volta transformada do herói).

Para esse autor, se procurarmos nas diversas narrativas de todo o mundo, mais especificamente, nos mitos e contos de fada, encontraremos sempre a mesma história e o mesmo herói. Os detalhes físicos e culturais podem variar, mas a essência de sua jornada é semelhante. Assim temos que:

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação – iniciação – retorno, que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito. Um herói, vindo do mundo cotidiano se aventura em uma região de prodígios sobrenaturais; ali ele encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes (CAMPBELL, 2010, p.36).

A heroína de *Crepúsculo*, Bella, também cumpre esse papel. Há o tema da Separação quando a mesma é apresentada em seu mundo, mas percebe não fazer parte dele. A Iniciação acontece quando ela conhece os vampiros e sua jornada efetivamente começa, culminando em sua morte-renascimento. O Retorno é simbolizado quando a heroína desperta como uma vampira, mudando o destino de todos a sua volta.

Para ter certeza que a estrutura de *Crepúsculo* conserva os elementos centrais exatos de um conto de fada, pedi o auxílio de outro autor nessa jornada. Responsável por perceber a ocorrência dos mesmos esquemas narrativos em histórias de povos que dificilmente poderiam ter mantido qualquer tipo de contato entre si, o russo Valdimir Propp identificou algumas particularidades pertencentes aos contos que ele denomina como maravilhosos ou “contos de magia no sentido exato dessa palavra” (PROPP, 2010, p.1) e determinou que devemos estudar essas histórias a partir das funções de seus personagens.

Entendidas como “as partes constituintes básicas do conto” (PROPP, 2010, p.22), essas funções determinam uma espécie de “fórmula mágica”, responsável por identificar uma narrativa desse tipo. Para o autor, os contos dessa categoria

começam por um dano ou um prejuízo causado a alguém (rapto, exílio), ou então pelo desejo de possuir algo (o czar manda seu filho buscar o pássaro de fogo), e cujo desenvolvimento é o seguinte: partida do herói, encontro com o doador, que lhe dá um recurso mágico ou um auxiliar mágico munido do qual poderá encontrar o objeto procurado. Seguem-se: o duelo com o adversário (cuja forma mais importante é o combate com o dragão), o retorno e a perseguição. Frequentemente essa composição torna-se mais complexa. Quando o herói se aproxima de casa, seus irmãos lançam-no em um precipício. Mas ele consegue retornar, passa por uma prova cumprindo tarefas difíceis, torna-se rei e se casa, em seu reino ou no do sogro. Esse é um relato

esquemático e sucinto do eixo de composição que serve de base a numerosos e variados enredos. Os contos que refletem esse esquema denominam-se maravilhosos (PROPP, 2002, p.4).

Assim, podemos identificar certas semelhanças entre os estudos de Campbell e Propp. Ambos são caracterizados por um esquema que traz, primeiramente, a separação ou partida do herói. Após esse momento, segue-se o encontro com alguém que lhe propiciará um recurso mágico, chamado pelo primeiro autor, de “mentor” e por Propp, de “doador”. Em seguida, provas serão impostas para testar o herói e, quando este for finalmente reconhecido, normalmente após uma morte-renascimento, ele deve retornar à casa, portando o objeto de sua busca e transformado por essa experiência.

No entanto, enquanto Campbell encontra, em suas teorias, uma jornada padrão para mitos e contos de todo o mundo, Vladimir Propp aborda apenas os contos. Por isso, escolho, neste texto, estudar com mais cuidado, as teorias deste último autor.

Em sua obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* (2010), Propp identifica, trinta e uma funções referente aos contos. Elementos considerados por ele como constantes e permanentes. Para o autor, “os contos de magia possuem uma construção absolutamente peculiar, que se percebe de imediato e que determina esta categoria mesmo sem tomarmos consciência do fato” (PROPP, 2010, p.8).

Devemos, agora, pensar nos livros/filmes da saga *Crepúsculo* e compreendê-los em conjunto, como um enorme conto de fada. Estariam essas funções presentes na obra de Stephenie Meyer? Claro que sim. O esquema proposto por Propp pode ser facilmente reconhecido nessa série. Nas próximas páginas irei mapeá-lo, de acordo com o reconhecimento de cada uma dessas funções.

## **Funções I a XX - Crepúsculo**

Como sugere Propp, o conto começa com uma situação inicial, que pode ser aqui entendida como o fato de apresentar a heroína Bella, uma jovem que morava com sua mãe em Phoenix,

até que a mesma deve se casar novamente e, com isso, sua filha precisa sair de casa, para morar com seu pai. Essa mudança já nos leva diretamente à primeira das funções<sup>3</sup>.

- *Afastamento (Função I): Um dos membros da família sai de casa*

Bella vai morar com o pai.

- *Proibição (Função II): Impõe-se ao herói uma proibição*

Bella não deve se aproximar de Edward pelo fato do jovem ser um vampiro.

- *Transgressão (Função III): A proibição é transgredida.*

Nessa função entra em cena o antagonista do herói. De acordo com Propp, “seu papel consiste em destruir a paz da família feliz, em provocar alguma desgraça, em causar dano, prejuízo. O inimigo do herói pode ser tanto um dragão como o diabo, ou bandidos, a bruxa, a madrasta, etc” (PROPP, 2010, p.28).

Bella ignora a proibição e começa a namorar com o rapaz. Um dia, jogando baseball com a família de Edward, Bella encontra novos vampiros em seu caminho: Victoria, Laurent e o antagonista James.

- *Interrogatório (Função IV): O antagonista procura obter uma informação*

Victoria, Laurent e James fazem uma série de perguntas a Edward e sua família e os persuadem a continuarem com o jogo.

- *Informação (Função V): O antagonista recebe informações sobre a sua vítima*

Enquanto Edward tentava levar Bella dali, James sente seu cheiro e descobre que ela é uma humana.

- *Mediação (Função IX): É divulgada a notícia do dano ao da ausência, faz-se um pedido ao herói ou lhe é dada uma ordem, mandam-no embora ou deixam-no ir*

Edward diz a Bella que ela precisa sair de Forks, pois James deseja matá-la.

- *Início da Reação (Função X): O herói aceita ou decide reagir*

Bella aceita sair de Forks, mas apenas com um plano. Ela iria enganar seu pai para não colocá-lo em perigo.

- *Partida (Função XI): O herói deixa a casa*

---

<sup>3</sup> As funções foram relacionadas na ordem em que acontecem nos livros/filmes e não na ordem sugerida pelo autor. Mesmo assim, sua numeração foi mantida para um entendimento mais completo do esquema proposto por Propp.

Aqui, mais um personagem, fundamental para a trama, irá se oferecer para ajudar o herói. Chamado de doador ou provedor, é dele quem o herói receberá algum objeto ou meio mágico que permitirá com que supere o dano sofrido.

A irmã de Edward, a doadora Alice se oferece para acompanhar Bella em sua partida.

- *Primeira Função do Doador (Função XII): O herói é submetido a uma prova que o prepara para receber um meio ou um auxiliar mágico*

Bella se esconde com Alice e presencia uma de suas visões, por meio de um desenho,

- *Reação do Herói (Função XIII): O herói reage diante das ações do doador*

Ao entender o desenho de Alice, Bella reconhece o local como o seu antigo estúdio de ballet

- *Fornecimento, Recepção do Meio Mágico (Função XIV): O meio mágico passa às mãos do herói*

A partir dessa visão, Bella descobre o que James planeja fazer com ela.

- *Dano (Função VIII): O antagonista causa dano ou prejuízo a um dos membros da família*

Esta representa uma das mais importantes funções, já que dá movimento ao conto maravilhoso. Para o autor, “as sete primeiras funções podem ser consideradas como parte preparatória do conto maravilhoso, enquanto o nó da intriga está ligado ao dano” (PROPP, 2010, p.31).

James “sequestra” a mãe de Bella.

- *Ardil (Função VI): O antagonista tenta ludibriar a sua vítima para apoderar-se dela ou de seus bens*

James telefona para Bella dizendo que está com a sua mãe.

- *Cumplicidade (Função VII): A vítima se deixa enganar, ajudando, assim, involuntariamente, seu inimigo*

Bella acredita e diz que vai se encontrar com ele.

- *Deslocamento (Função XV): O herói é transportado, levado ou conduzido ao local onde se encontra o objeto que procura*

Bella foge de Alice e vai até o estúdio de ballet.

- *Reparação de Dano (Função XIX): O dano inicial ou carência são reparados*

Esta função está diretamente ligada ao nó da intriga, caracterizada pela função VIII. Neste momento, o conto atinge seu ápice.

Bella descobre que James não estava, na realidade, com sua mãe e que tudo não passava de uma armadilha.

- *Combate (Função XVI): O herói e seu antagonista se defrontam em combate direto*

Bella encontra James e é atacada por ele.

- *Marca (Função XVII): O herói é marcado*

James morde o pulso de Bella, deixando nela uma marca de meia-lua que a acompanha pelo resto de sua jornada.

- *Vitória (Função XVIII): O antagonista é vencido*

Edward e sua família chegam para ajudar Bella, retirando o veneno do vampiro de seu corpo e destruindo James.

- *Retorno (Função XX): Retorno do herói*

Bella volta para a casa de seu pai em Forks.

## **Funções VIII a XV (Bis) - Lua Nova**

Antes de nos preocuparmos com as funções encontradas no segundo livro e filme da saga *Crepúsculo*, intitulado *Lua Nova*, devemos entender que tratam-se de “funções bis”. Isto é, funções que já ocorreram antes e que podem ser colocadas novamente na história para dar ênfase à determinada situação.

Nesse caso, como o tema mais importante do livro é o amor de Bella e Edward e a impossibilidade dele acontecer, uma vez que a garota é uma humana e o rapaz é um vampiro, o casal verá seu romance novamente ameaçado.

A primeira função que aparece no conto é a VIII, aquela responsável por trazer movimento à história e por causar algum tipo de dano à protagonista. Assim, após uma situação em que a vida de Bella é, mais uma vez, colocada em risco, Edward resolve abandoná-la para protegê-la.

Após essas “funções bis” acontecerem, o desenvolvimento da narrativa volta a sua trama original e o conto propõe novas situações. Cabe ainda destacar aqui que a segunda parte da saga é a mais lenta em termos de história, já que nada de relevantemente novo (a não ser o fato de descobrirmos que Jacob é um lobo) acontece nesse livro/filme. Mais um fato que comprova a utilização dessas funções de repetição.

- *Dano (Função Bis VIII): O herói novamente encontra uma espécie de dano ou prejuízo*

Edward abandona Bella.

- *Início da Reação/Partida (Funções Bis X-XI): O herói decide reagir e reinicia sua busca*

Bella se coloca em situações de perigo para trazer Edward de volta, já que o mesmo a havia feito prometer que ficaria em segurança.

- *Primeira Função do Doador (Função Bis XII): O herói passa novamente pelas ações que o levam a receber um objeto mágico*

Após saltar de um penhasco e quase morrer afogada, Bella reencontra Alice (doadora).

- *Reação do Herói (Função Bis XIII): Nova reação do herói diante das ações do futuro doador*

Bella conta a Alice por tudo o que tem passado e diz à doadora que precisa encontrar Edward.

- *Fornecimento (Função Bis XIV): Coloca-se à disposição do herói um novo objeto mágico*

Após mais uma de suas visões, Alice conta a Bella que Edward irá provocar sua própria morte, por achar que a amada também está morta.

- *Deslocamento (Função Bis XV): O herói é transportado ou conduzido ao local onde se encontra o objeto de sua busca*

Alice leva Bella até a Itália, local onde Edward está, e Bella evita a morte do vampiro.

## **Funções XXI a XXII - Eclipse**

Após as situações de repetição terem sido apresentadas, o conto volta à forma original e a terceira parte da saga centra sua narrativa em apenas duas funções propostas por Propp, a XXI e a XXII, ambas relacionadas à perseguição que o herói sofre quando volta para casa.

Se pensarmos na primeira parte, *Crepúsculo*, após a batalha com o James, Bella retorna a Forks, para viver com seu pai, mas a vampira Victoria, namorada do antagonista, resolve também ela voltar à cidade (fato que já havia sido abordado no segundo livro/filme, mas será melhor desenvolvido aqui) para matar Bella. A partir desse sentimento de vingança é que *Eclipse* será estruturado.

- *Perseguição (Função XXI): O herói sofre perseguição*

Victoria reúne um exército de vampiros recém-criados e vai com eles para Forks, na tentativa de matar Bella.

- *Salvamento, Resgate (Função XXII): O herói é salvo da perseguição*

Juntos, vampiros e lobos reúnem-se para salvar Bella. Os vampiros recém-criados são aniquilados e Victoria é destruída por Edward.

De acordo com os estudos de Propp, o conto poderia acabar por aqui, com o retorno seguro do herói e seu casamento, ou poderia, ainda, continuar. Essa obra, ironicamente, contém um pedido formal de casamento, que apenas será realizado no quarto livro/ filme.

## **Funções XXIII a XXXI - Amanhecer**

Embora o quarto livro da saga tenha sido dividido em duas produções cinematográficas, as últimas funções determinadas por Propp devem ser entendidas em conjunto. Para isso, optei por apresentá-las juntas, mas destaquei se pertencem à primeira parte do filme (Amanhecer - Parte 1) ou a segunda (Amanhecer - Parte 2).

Devemos notar também que as funções correspondentes ao herói (tarefa difícil e reconhecimento) são apresentadas na primeira parte, enquanto o aparecimento do falso herói e sua destruição correspondem à trama do segundo filme.

- *Chegada Incógnito (Função XXIII): O herói chega incógnito à sua casa ou outro país*  
Após o casamento, Bella e Edward partem em lua de mel, chegando a uma ilha praticamente deserta (Amanhecer Parte 1).

- *Tarefa Difícil (Função XXV): É proposta ao herói uma tarefa difícil*

Esse é retratado por Propp como um dos elementos favoritos do conto maravilhoso.

Bella engravida de uma criança meio humana meio vampira (Amanhecer Parte 1).

- *Realização (Função XXVI): A tarefa é realizada*

Nascimento da filha de Edward e Bella, Reneesme (Amanhecer Parte 1).

- *Reconhecimento (Função XXVII): O herói é reconhecido*

Bella é reconhecida como heroína por ter suportado essa gravidez e passar por uma morte-renascimento no momento do parto (Amanhecer Parte 1).

- *Transfiguração (Função XXIX): O herói recebe nova aparência*

Após a morte simbólica, Edward injeta seu veneno em Bella, que passa por um período de sono, para renascer transformada. Ela desperta como uma vampira (Amanhecer Partes 1 e 2).

- *Pretensões Infundadas (Função XXIV): Um falso herói apresenta pretensões infundadas*

Quando uma vampira chamada Irina vê a filha de Bella e Edward, acredita que ela seja uma criança imortal e denuncia o fato aos Volturi, uma das mais tradicionais e poderosas famílias de vampiros (Amanhecer Parte 2).

- *Desmascaramento (Função XXVIII): o falso herói, antagonista ou malfeitor é desmascarado*

Os Volturi convocam um exército de vampiros para punir à família Cullen por esta ter criado uma criança imortal. Chegando ao local onde se encontram Edward, Bella e a criança, descobrem que ela é, na realidade, filha do casal (Amanhecer Parte 2).

- *Castigo (Função XXX): O inimigo é castigado*

Irina é destruída e o exército de vampiros vai embora, deixando os Cullen em paz (Amanhecer Parte 2).

- *Casamento (Função XXXI): O herói se casa e sobe ao trono*

Embora o casamento de Bella e Edward já tenha ocorrido, esse é o momento em que o felizes para sempre se torna definitivo. Agora, Bella, já transformada em vampira, poderá viver durante toda a eternidade com Edward, seu grande amor (Amanhecer Parte 2)

Personagens e estrutura de contos de fada. Jornada do Herói, de Campbell e Funções, de Propp. A saga Crepúsculo se encaixa perfeitamente nos esquemas narrativos oferecidos por esses estudiosos de mitos e contos maravilhosos. Ela se enquadra em cada um de seus estágios. Realiza cada uma de suas funções. Seria esse, então, um conto de magia?

A resposta é sim e não. Sim porque encaixa-se no molde dos contos, percorre suas “funções” e reproduz seus personagens. E não, porque não nasce aonde deveria. Não surge de nosso inconsciente coletivo. Não propõe ensinamentos. Não traz encantamento. Ele simula tudo isso. Dessa forma, acredito que Crepúsculo esteja mais próximo de um simulacro de conto de fada. Simulacro no sentido platônico do termo (PLATÃO, 2003), aquilo que parece sem ser, de fato, parecido. Uma reinvenção. Uma enganação.

*Crepúsculo* surge como uma colagem pós-moderna dos contos, uma obra que se apropria de diversas personagens conhecidas por todos. Segue uma receita. E cria uma narrativa artificial, montada. Uma história que pode até enganar os olhos daqueles que não percebem a magia que um conto em sua forma original é capaz de transmitir. A magia que brota, que se revela. Com suas belas ou sombrias imagens. A magia que não quer lucrar e simular. Mas ensinar. Porém, ela não engana os meus. E nem os seus olhos. Porque nossos mentores nos deram seus presentes. E, agora, conseguimos enxergar.

Afinal, entre meninas desastradas e princesas encantadas eu escolho as princesas. Entre cidades e castelos, eu fico com os castelos. Entre Feras e vampiros, prefiro as Feras. Entre lobos e lobisomens... bem, nunca entendi a motivação de Chapeuzinho Vermelho. Entre fadas que podem prever o futuro e a Fada-Madrinha? Essa é fácil. Eu sempre quis aquele sapatinho de cristal.

O final feliz não precisa ser literal para ser eterno. O Felizes para Sempre mora dentro de cada um de nós. E ele não é manifesto na imortalidade de um vampiro. Mas na lembrança que apenas essas histórias são capazes de proporcionar. Sejam contadas pelas mães aos filhos, lidas pelas crianças ou, como eu os prefiro, lembradas, vividas e coloridas pela própria imaginação. O local em que são mais encantadas. Como nossa alma, que se revela com aquelas três palavras mágicas, propostas no início desta jornada que partilhamos juntos. E que, uma vez cativada, retorna diferente. Assim como eu. E como você.

## Referências

### Livros

- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2010.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen & Outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. São Paulo: Intrínseca, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Lua Nova**. São Paulo: Intrínseca, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Eclipse**. São Paulo: Intrínseca, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Amanhecer**. São Paulo: Intrínseca, 2009.
- PLATÃO. **O Sofista**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. eBookLibris, 2003.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. **As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso**. São Paulo: Martisn Fontes, 2002.
- TOLKIEN, J.R.R. **Sobre Histórias de Fadas**. São Paulo: Conrad do Brasil, 2010.

### Filmes

- Amanhecer: Parte 1**. Direção: Bill Condon. Summit Entertainment, 2011. 1 DVD (117 min).
- Amanhecer: Parte 2**. Direção: Bill Condon. Summit Entertainment, 2012. 1 DVD (115 min).
- Crepúsculo**. Direção: Catherine Hardwicke. Summit Entertainment, 2008. 1 DVD (122 min).
- Eclipse**. Direção: David Slade. Summit Entertainment, 2010. 1 DVD (124 min).
- Lua Nova**. Direção: Keith Romine. Summit Entertainment, 2009. 1 DVD (122 min).